

# Anarquia dos Nomes Próprios

*D. ANTÔNIO LUSTOSA*

A professora da escola primária de X.. é diplomada. Mais ainda: esmera-se em falar corretamente e exige dos seus alunos a máxima correção no modo de se expressarem. Nos últimos exames, quis reprovar uma menina do terceiro ano porque na composição escreveu: "Quando a borboleta avoou, a velhinha se assustou".

Achou a professora que escrever *avoou* era erro imperdoável.

O inspetor escolar consultado, propôs que se baixasse um pouco a nota, mas não julgou caso de reprovação. A professora, porém, foi irredutível. "Avoou — repetia ela — é intolerável. Basta este erro para inutilizar a prova".

Naturalmente ignorava a professora que no latim temos os dois verbos *volare* donde veio *voar* e *advolare* donde se originaria *avovar*. E não é tão comum em português prefixar-se um *a* aos verbos? Haja vista: levantar e alevantar, soprar e assoprar, sentir e assentir, soar e assoar, baixar e abaixar, balançar e abalançar, bastar e abastar, carrear e acarrear, colher e acolher, gasalhar e agasalhar, etc., etc.

São muito numerosos esses verbos que começam em *a* e admitem a forma aferesada.

Muitas vezes há alguma diferença de sentido entre as duas formas e outras vezes têm o mesmíssimo sentido.

Se a professora de X... conhecesse o grande número desses casos não reprovaria a sua aluna.

Por ocasião da sêca aparecem no sertão os bandos imensos de "avoantes". A rigorosa professora de X... não quererá que se diga "Avoantes"?

O interessante é que a professora se assinava Dalgisa de tal. Quando a queriam convencer de que se deveria assinar Adalgisa, respondia: "Fui batizada assim. Adalgisa será outra pessoa, não eu". Vê-se que o *a* não gosava da simpatia da professora.

Os nomes próprios têm horror à gramática. Não há lei que os governe. Então em matéria de prosódia, reina o despotismo entre os nomes próprios. Por mais absurdo que seja a pronúncia do nome de fulano de tal, todos se hão de

submeter, porque afinal esse indivíduo será conhecido através desse nome e não de outro; é a esse nome que ele acode.

O nome do célebre general cartaginês tinha pronúncia proparoxítone em latim: HÁnnibal; entre nós o nome é paroxítono: Anibal; há um verso nos *Os Lusíadas* em que se exige a pronúncia oxítone: Anibái ("Veréis como Anibái escarnecia").

É questão de moda muitas vezes. Se a moda exige que se pronuncie Cleófas, ninguém pronunciará Cléofas.

Não é raro encontrar-se, entre nós, o nome **Adelaide** em vez de **Adeláide**. Aliás o caso não é novidade. Temos os nomes **Lúcia** e **Luzia**, ambos tradução do **Lúcia** latino. Essas formas divergentes aparecem na língua, às vezes, por interferência de outra língua. Assim **Luzia** provavelmente se deve à interferência do italiano **Lucia**, ao passo que **Lúcia** provem diretamente do latim. A origem, porém, dessas formas divergentes, em se tratando de nomes próprios, é, muitas vezes, uma pronúncia errada inicialmente, que depois se generalizou e constituiu moda. Por essa mesma razão, muitas vezes encontramos nomes próprios aplicáveis indiferentemente ao homem ou à mulher.

Dos nomes próprios que apresentam formas divergentes, um dos mais interessantes é **Jacob** que no latim se escreve também **Jacobus**. Dêsse nome originaram-se os seguintes em português — **Jacó**, **Jaime**, **Jaques**, **Iago**, **Tiago**, **Jácome**. A forma **Iago** provavelmente é contrata de **Santo Iago** ou **Santiago**. Os espanhóis usam como prenome **Santiago** que nós usamos como sobrenome. Fenômeno semelhante se encontra entre os nossos habitantes do interior, em relação a **Santana** que usam também como prenome.

As formas divergentes dos nomes próprios, geralmente, não apresentam grande diferença entre si, como **Antônio** e **Antão**, **Emanuel** e **Manuel**, **Benedito** e **Bento**, **Lúcia** e **Luzia**, **Aloísio** e **Luís**, **Tomás** e **Tomé**, **Ágata** e **Águeda**, **Felix** e **Felício**, **Romano** e **Romão**, **Julião** e **Juliano**, **Adrião** e **Adriano**.

Com relação ao nome **Luís**, cumpre notar que pode derivar de **Aloisius** ou de **Ludovicus**.

Alguns poucos nomes se distanciaram muito das formas latinas, por exemplo. **Gil** de **Aegidius** que deu também **Egídio**; **Oscar** de **Ascarius** que deu também **Ascário**.

**Gastão** correspondente ao latim **Vedastus**, que nada tem de semelhante com **Gastão**.

Nos estudos etimológicos, nada mais ingrato do que pesquisar a origem dos nomes próprios. Com efeito, muitos deles foram formados sem respeito algum às leis etimológicas.

O critério da formação desses é, não raro, o capricho. Por vezes, o nome de uma criança é a fusão arbitrária dos nomes paterno e materno. Quem pode descobrir o étimo dessa fusão?

Outras vezes, um apelido doméstico, inteiramente sem sentido, é arvorado — com o tempo — em nome próprio.

Ao lado desses, há nomes constituídos normalmente com elementos do vernáculo ou do grego (**Teófilo** — amigo de **Deus**; **Crisóstomo** — boca de ouro) ou do atim (**Maristela** — estrela do mar; **Rosalba** — rosa branca) ou de outro idioma.

Vários dos nossos prenomes oferecem forma semelhante com variações apenas

da terminação, tais como Fernando e Fernandes, Alvaro e Alvares, Pero e Peres, Martim (martinho) e Martins, João e Joanes, Mendo e Mendes. Alguns filólogos querem ver nessa segunda forma um genitivo da primeira como a significar (por ex.) Fernandes — filho de Fernando; Alvares — filho de Alvaro, etc. Os ingleses juntam ao prenome um s precedido de apóstrofo, para significar precisamente filiação.

Geralmente a primeira forma se usa como prenome — Fernando, Alvaro, etc., e a segunda como sobrenome — Fernandes, Alvares. Nosso povo, por vêzes, usa a segunda também como prenome.

Os italianos usam Álvaro como sobrenome, mas pronunciam Álváro e não Álvaro.

Os espanhóis escrevem com z os sobrenomes Menendez, Alvarez, Fernandez. Por essa razão tais nomes são erradamente pronunciados pelo nosso povo como oxítonos: Alvarêz, Fernandêz, Juarêz, etc.

O nome próprio era, a princípio, em muitos casos, um nome comum, por exemplo: Pedro (pedra), Leão, Estela (estrela), Rosa, Margarida, Violeta, Aurora, Safira.

Também os adjetivos se transformaram em nomes próprios, v.gr.: Plácido, Modesto, etc. Vários dos que designam alguma côr, deram um nome próprio: Cândido, Alba, Branca, Clara, Mauro (escuro), Rufo (ruivo), Amarelo (amarelo), Glauco (verde), Flávio (cor de ouro), Lauro (louro).

Na Bíblia encontram-se nomes próprios que sintetizavam uma frase inteira. Assim a Moisés foi dado êsse nome para significar que tinha sido salvo das águas.

O pai de Gersam deu-lhe êsse nome para significar: "Fui viandante em terra estrangeira" (Êxodo — Cap. II — 22). E ao outro filho deu o nome de Eliézer para significar: "O Deus de meu pai, meu defensor, me livrou das mãos de Faraó" (Idem-Ibidem).

Ao pai de Isaac foi dado o nome de Abraão porque constituído pai de muitos povos (Gen. XVII — 5).

Na história de Jacob se conta que, tendo êle lutado com um personagem misterioso, êste lhe mudou o nome de Jacob para o de Israel, que significa "forte contra Deus" (Gen. — Cap. XXXII — 28).

Como se vê, os nomes próprios oferecem campo interessante aos estudiosos, apesar de serem muitas vêzes rebeldes às leis gerais que os nomes comuns dócilmente respeltam. Ou talvez por êsse mesmo fato de serem rebeldes, achamos interesse em descobrir seus caminhos caprichosos, as causas que concorreram para a anarquia que entre êles sempre reinou.